

DOI: <http://dx.doi.org/10.18310/2446-4813.2016v2n2p121-123>

PONTEAR IDEIAS, FORMANDO RIZOMA¹



Fonte: Site Casa da Mãe Joana. <http://casadamaejoanna.com/2016/03/06/o-que-voce-esta-realmente-falando-quando-diz-apoiar-igualdade-de-genero-mas-nao-o-feminismo/>

Completando dez anos desde sua publicação, a Lei nº 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, procurou combater a violência fomentada pela discriminação de gênero, nomeadamente no âmbito doméstico, marcado ainda pelo patriarcado. Passado uma década, ainda convivemos numa sociedade onde a violência de gênero é destaque negativo em nossos noticiários: ainda somos um dos países onde a mulher sofre mais violência justamente pela simples razão de ser mulher. Indiscutivelmente a Lei Maria da Penha surge em um contexto importante, sendo uma legislação oriunda e formada a partir dos interesses dos movimentos sociais e não de sob o manto populista do legislativo. A norma inova em nosso ordenamento ao trazer mecanismos de proteção à vítima, mesmo antes de formalizada a Ação Penal, algo que até então não era possível.

Apesar disso, ineludível que esse movimento não seja suficiente. A violência não deixa de ser um reflexo dos nossos valores culturais. Nesse sentido, importante o próprio exercício de avaliação daquilo que nos é dado como referência. Não raramente vamos observar formas de manutenção de preconceitos escamoteados em discursos tradicionalistas. Recentemente (em 2014) tivemos no Rio Grande do Sul um local incendiado para evitar a formalização da união civil de duas mulheres em nome do que se chamou atendado as tradições gaúchas. Representantes de movimentos tradicionalistas não defendiam o ato incendiário, mas criticavam

¹Tema do Encontro Regional Sul da Rede UNIDA, que aconteceu de 1 a 03/10, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. (Cf.: <http://www.redeunida.org.br/congresso2016/regionais/sul/apresentacao>)

o ato da juíza que determinou o local do casamento. Mas que valores são estes, que estariam sendo fragilizados pela determinação legal? Seriam os mesmo que defendem como única vestimenta típica da mulher a prenda? Os mesmos que outrora defendiam a impossibilidade da “prenda” de recusar um convite para dançar, o chamado “carão”? Obviamente que a literatura e a música regional rio-grandense nos remete a outras ilustrações de atos misóginos representativos do que seria cultural. Não é nosso objetivo condenar determinado costume, muito pelo contrário, mas repensa sobre o quanto reproduzimos discursos pelo simples ato inflexivo da reprodução de algo como se fosse pronto e lapidado. No último Encontro Regional Sul da Rede UNIDA, realizado em Porto Alegre/RS em outubro de 2015, debatemos o tema da alteridade no contexto de fronteira e cultura, comentando quanto ignoramos a própria origem do “gaúcho” como fronteiro, acostumado com o diferente, falante de mais de um idioma, convivendo com a mestiçagem. O evento colocou em cenas diferentes temas, envolvendo atenção e cuidado em saúde de forma transdisciplinar, como estava presente no próprio tema do Congresso Internacional da Rede UNIDA “diferença sim, desigualdade não”, realizado este ano em março na cidade de Campo Grande/MS.

E neste mesmo cenário que apresentamos o segundo número do segundo volume da Revista Saúde em Redes, que traz não só uma diversidade de temas que propõem o debate, mas com o protagonismo de diferentes vozes representes de variadas partes do Brasil. E com sentimento de continuidade encerramos com o resgate de texto distribuído a quase um ano atrás aos participantes do evento de Porto Alegre/RS, que propõem o exercício crítico-reflexivo na construção de nossos valores.

“Orelhano de marca e sinal
Fulano de tal, de charlas campeiras
Mesclando fronteiras, retrata na estampa
Rigores do pampa e serenas maneiras

Orelhano, brasileiros, argentinos
Castelhanos, campesinos, gaúchos de nascimento
São tranças de um mesmo tento, sustentando um ideal
Sem sentir a marca quente, nem o peso do buçal”

O quebra-cabeça é símbolo de complexidade e aprendizado. Por ele objetivamos formar um cenário, uma imagem, unindo, juntando ou reunindo peças. O que antes não tinha sentido, é colocado em relevo como se surgisse numa ordem aparente. Um processo que necessita calma e paciência. O importante é que não há uma ordem para se colocar as peças, cada um pode começar de uma forma. Porém, isso não significa que essa revelação resulte somente em imagens existentes. Podemos reinventar, criar uma nova imagem a partir das peças que temos: basta darmos novos recortes e pronto! Uma nova imagem se forma! Assim, nem sempre a imagem formada é única, mas certamente único é o processo de construção dessa imagem. Da mesma forma a peça! Ela é única em cada quebra-cabeça, sem ela perdemos um pouco da completude ou compreensão do seu cenário.

Assim como uma peça é para um quebra-cabeça, a sua participação e compartilhamento nesse Encontro da Rede UNIDA, foi impar e sem ele, jamais poderíamos criar ou formar um ambiente de debates e trocas como os proporcionados nestes dias de outubro deste ano.

“Orelhano, vem lutar no meu costado

Num pampa sem aramado, soprado pelo minuano

Repontar a liberdade, que acenava tão faceira

Nas cores de uma bandeira levantada no passado”

(trechos da música “Orelhano”, de Mário Eleu Silva)

Fonte: Associação Brasileira da Rede UNIDA – Encontro Regional Sul – de 1ª a 3 de outubro de 2015. Porto Alegre/RS.

Não é somente com a publicação de ideias que montamos um cenário melhor, pois é com o imaginário de cada um sobre as mesmas que nos possibilitam juntar o maior número de peças desse imenso quebra-cabeça que é nossa contemporaneidade.

João Beccon de Almeida Neto
Janaina Matheus Collar
Editores-Executivos